

OS CUIDADOS MÉDICOS E ATOS CIRÚRGICOS MAIS COMUNS DURANTE A ANTIGUIDADE: DO EXPERIMENTO À EXPERIÊNCIA¹

Pierre Mbid Hamoudi Diouf²

Resumo

O ato de se escrever o saber médico consistiu numa reviravolta considerável para a difusão dessa arte. Os antigos médicos, cuja profissão gozava de alto prestígio, estavam condicionados a perfazer seu ofício através da memorização de experiências feitas com os doentes e/ou um arquivamento por escrito de cuidados e receitas terapêuticas, e do respeito a certas normas de conduta. Só o universo da medicina era composto por uma complexidade sem precedentes, onde se imiscuíam não apenas homens livres, libertos e escravos, mas também grandes teóricos, racionalistas hipocráticos e charlatães, impostores, assassinos que, sem escrúpulo, se aproveitavam da credulidade popular.

Palavras-chave

Medicina; cirurgia; História; Celso; Hipócrates; Plínio o Velho

¹ Tradução de Pedro Benedetti. E-mail : benedetti190@hotmail.com

² Professor-Pesquisador, Universidade Cheik Anta Diop de Dakar.

Résumé

La mise par écrit du savoir médical a été un tournant remarquable dans le rayonnement de cet art. Les anciens médecins dont la profession jouissait d'une haute considération, se devaient à la fois de parfaire leur activité par une mémorisation des expériences faites aux malades et/ou un archivage par écrit des soins et recettes thérapeutiques, et de respecter un certain code de conduite. Seulement l'univers de la médecine était d'une complexité sans précédent, où se mêlaient non seulement hommes libres, affranchis et esclaves, mais également grands théoriciens, rationalistes hippocratiques et charlatans, imposteurs, assassins qui, sans scrupule, exploitaient la crédulité publique.

Mots-clés

Médecine; chirurgie; Histoire; Celse ; Hippocrate; Pline l' Ancien.

A saber iguais, um médico é mais eficiente se ele for amigo do paciente do que se ele for um estranho.
Celso, *Sobre a Medicina*, Preâmbulo, 73

Introdução

Numa sociedade onde as rivalidades entre as artes estavam em seu ponto culminante, e numa época na qual a arte da medicina gozava de um sucesso radiante, os antigos médicos tinham o dever de, por um lado exercer sua atividade por meio da memorização de experiências feitas com os enfermos o/ou do arquivamento por escrito dos cuidados e receitas terapêuticas, e de respeitar um determinado código de conduta. É de Máximo de Tiro³ que obtivemos uma versão interpretativa e hipotética acerca da invenção da medicina de maneira geral, versão que deve ser tomada em conta com um pouco de distanciamento:

Eis aí como se conta que a medicina foi outrora inventada. Os pais de um enfermo iam deixá-lo numa das passagens mais movimentadas, os transeuntes se aproximavam, faziam perguntas sobre a doença, e conforme aqueles que sofreram do mesmo mal, e haviam sido curados tomando alguma coisa, ou se cauterizando, ou fazendo uma amputação, ou se submetendo a uma dieta, cada um dos que havia contraído a doença indicava o remédio que lhes havia retornado a saúde. A identidade das doenças fixou na memória a identidade dos medicamentos que as havia sanado; e num curto período a totalidade desse agregado de conhecimento foi a mãe da ciência.

Esperava-se que os praticantes dessa arte, à cabeceira dos enfermos, respeitassem certas regras de conduta ditadas pela moral. Mas infelizmente esse nem sempre era o caso; de fato, o atrativo de ganho ou interesses financeiros e honoríficos tomavam a dianteira do aspecto moral e positivo dessa nobre profissão que exigia exercícios regulares e serviços terapêuticos. Daí é preciso compreender que o universo dos praticantes consistia numa complexidade notável, onde se imiscuíam não apenas homens livres, como também libertos, escravos e igualmente grandes teóricos, racionalistas hipocráticos e charlatães, impostores, assassinos que se aproveitavam sem escrúpulos da credulidade popular. Essas práticas

³ Máximo de Tiro, *Dissertações*, t. 1, cap. 12, § 2: Φασὶν δὲ καὶ ἰατρικὴν εὐρησθαι τὸ ἀρχαῖον ὠδί· κομίζοντες οἱ οἰκεῖοι τὸν κάμνοντα εἰς τῶν ἀγυῶν τὴν ἐντριβῆ, κατετίθεντο· ἐπιστάμενοι δὲ οἱ ἄνθρωποι, καὶ ἀνερωτῶντες τὸ ἄλγος ὅτῳ τὸ αὐτὸ ξομπεσόν, ἔπειτα ὄνατο ἢ ἐδώδῃ τι, ἢ καύσας, ἢ τεμών, ἢ διμήσας, παρετίθεντο ἕκαστοι ταῦτα τῷ κάμνοντι οἱ πεπονθότες πρότερον καὶ ὠφελημένοι· ἢ δὲ ὁμοίότης τοῦ πάθους συναθροίσασα τὴν τοῦ ὠφελήσαντος μνήμην τῇ κατ' ὀλίγον ἐντεύξει ἐπιστήμην ἐποίησεν τὸ πᾶν.

infames, bem conhecidas, permitiram a certos autores criticar de modo exacerbado os médicos como um todo.

O presente artigo será o lugar de mostrar a deontologia e a imagem do “verdadeiro” médico, ancestral dos nossos valores médicos atuais, tal qual nós os concebemos.

I) Conhecimentos que eram pré-requisito para o bom médico antigo

Durante a antiguidade, os estudos de medicina não davam direito a nenhum diploma, e o renome não se conquistava a não ser pelos esforços do praticante. Apesar disso, uma das exigências fundamentais era ter certos conhecimentos práticos:

- por meio da observação⁴ (que passava pelo exame do paciente)
- por meio de experimentos individuais ou coletivos (notemos, porém, que as doenças pestilentas eram o único flagelo face ao qual a medicina murmurava em silêncio)
- e por meio da comparação com os animais (Galieno e a dissecação do macaco, da ovelha...)

Este terceiro ponto merece uma atenção particular. Com efeito, será necessário esperar o início do século III antes de nossa era, em especial no Egito, para ver se proliferarem novos métodos operatórios bem mais desenvolvidos tendo em vista um melhor conhecimento da anatomia humana, em parte graças às primeiras experiências em *nécroi*:

Parece que, em meio aos primeiros médicos, muitas das práticas que também são utilizadas em cirurgia foram inventadas em consequente à dissecação de cadáveres nos embalsamamentos. Mas é dito que certos procedimentos foram

⁴ Hipócrates, *Epidemias* 4, 43 (trad. É. Littré, Hippocrate, *Oeuvres complètes* V, Paris, 1846, p. 185) : “Saber que as ponderações se fazem pelos olhos, orelhas, nariz, mão e outros meios pelos quais podemos conhecer. O médico deve apalpar, cheirar e experimentar pelo gosto. Também deve se manter atento aos cabelos, cor, pele, veias, partes nervosas, músculos, carne, ossos, moela, encéfalo, o que quer que venha do sangue, vísceras, ventre, bile, os outros humores, articulações, palpitações, tremedeiras, espasmos, soluços, tudo o que é relativo à respiração, excrementos.”

descobertos de maneira fortuita, como a paracentese⁵ para curar cataratas, uma vez que apareceu uma cabra que sofria da doença e recobrou a visão depois de ter se encravado um junco no olho⁶.

De outra parte, graças às experiências feitas em animais suficientemente próximos dos seres humanos:

Em todas as classes de animais que os médicos têm o costume de dissecar, contanto que não distanciamos da natureza humana, nós encontramos músculos largos e finos, cuja função é de movimentar o conjunto de mandíbulas para os lados. Os tipos de animais que, para falar de maneira geral, não diferem muito dos homens, são uns seis e já foram discutidos anteriormente. Mas, por agora, eu começarei pelos macacos, pois de todos os animais eles são os que mais se parecem com o homem⁷.

A isso, adiciona-se a prática de vivisseção experimentada por Erasistrato e Herófilo, dois médicos gregos anatomistas – legistas da época ptolemaica que viviam no Egito:

É necessário fazer incisões nos cadáveres e explorar suas vísceras e suas entranhas. Herófilo e Erasistrato obtiveram de longe os melhores resultados, visto que abriram plenamente vivos os criminosos que eles receberam dos reis ao sair da prisão, e que eles examinaram, quando estavam vivos, aquilo que a natureza havia antes escondido⁸.

⁵ Na medicina moderna, a paracentese se refere especificamente à drenagem de líquidos da região abdominal, mas a palavra da qual ela deriva, o grego παρακέντησις, era usado para designar qualquer punção numa cavidade do corpo. [N.T.]

⁶ Galieno, *O médico. Introdução*, XIV, 675: Ἐκ δὲ ἧς ἐν ταῖς ταριχείας ἀνασχίσεως τῶν νεκρῶν πολλὰ καὶ τῶν ἐν χειρουργίᾳ παρὰ τοῖς πρώτοις ἰατροῖς εὐρηθῆναι δοκεῖ. Τινὰ δὲ ἐκ περιπτώσεως φασιν ἐπινενοῆσθαι, ὡς τὸ παρακεντεῖν τοὺς ὑποκεχυμένους, ἐκ τοῦ περιπεσεῖν αἶγα, ἥτις ὑποχυθεῖσα ἀνέβλεψεν ὄξυσοκίονου ἐμπαγείσης εἰς τὸν ὀφθαλμόν..

⁷ Galieno, *Práticas de Anatomia*, C. G. Kühn, 1821-1833, reimpr. Hildelsheim, 1964/5, p. 928-929: Ὅστις ἐθέλει γυμνάζεσθαι περὶ τὴν τῶν μυῶν ἀνατομὴν ἐν ὕδατι πνίξας πίθηκον ἐκδειράτω πρότερον αὐτόν, ὡς ἐν ταῖς ἀνατομικαῖς ἐγχειρήσεσι λέγεται· πολλοὶ γὰρ ἐν τοῦτοις διαμαρτάνουσι τοῖς ἐπιτυχοῦσιν ἐπιτρέποντες τὸ ἐπιγον. Οὗτοι δὲ καὶ ἄλλα μὲν διασπῶσι πολλὰ καὶ συγχέουσιν, ὥσπερ οὐχ ἥκιστα καὶ τὸν τὸν ὑπὸ τῷ δέρματι τοῦ τραχήλου λεπτὸν καὶ πλατὺν μῦν...

⁸ Celso, *Preâmbulo*, 23-24: Ergo necessarium esse incidere corpora mortuorum, eorumque viscera atque intestina scrutari : longeque optime fecisse Herophilium et Erasistratum, qui nocentes homines a regibus ex carcere acceptos vivos inciderint, considerarintque etiamnum spiritu remanente ea, quae natura ante clausisset.

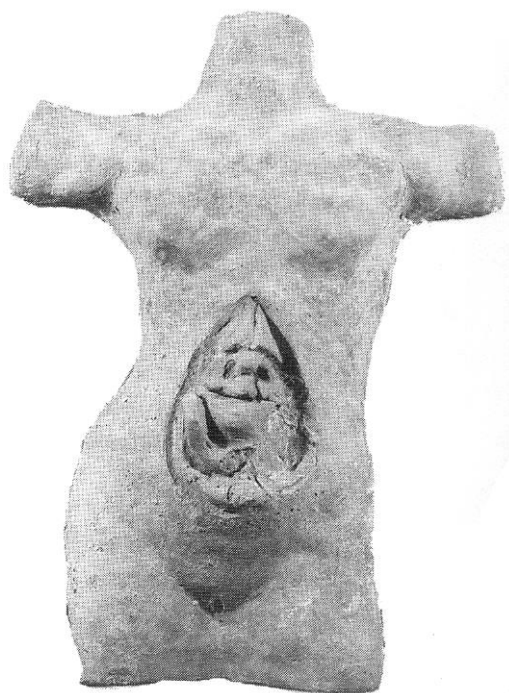


Figura 1: Grmek M.D. e Gourevitch, 1998, p. 192, fig. 141.

O desenvolvimento do conhecimento de anatomia⁹ sobre o ser humano, aliás, já aparecia nas produções votivas dos etruscos, gregos e romanos, que representavam torsos que exibiam porções de vísceras e de órgãos, ainda que pouco identificáveis, dentro de uma incisão abdominal. Um corpo feminino em terracota etrusca, que foi submetido a uma abertura abdominal, e sem indicação de patologia, está conservado no Museu do Louvre (inv. N 4757).

No exercício de sua função, um dos elementos primordiais do verdadeiro médico era o exame do paciente que passava pela auscultação (ao escutar o barulho dos pulmões e do coração), a aferição das constantes vitais (pulso e tensão arterial) e o interrogatório médico. Esse exame primordial sobre o enfermo podia se resumir nesses quatro verbos: ver, escutar, sentir, interrogar. O autor hipocrático do tratado da *Oficina do médico*, c.1, toma o cuidado de defini-lo em detalhes:

⁹ J. André, 1995, p. 48: “O conhecimento dos órgãos internos não podia, a princípio, fora os manuais, ser alcançado senão através de intervenções cirúrgicas empíricas praticadas em virtude de ferimentos. Um estudo sério de anatomia necessitava da observação do esqueleto humano (ou, na falta dele, de um macaco) a fim de reconhecer os ossos e seus lugares, e a prática da dissecação. [...] Habitual no Egito sob os Ptolomeus e favorecido pelos embalsamamentos, no qual as vísceras eram retiradas do corpo, a prática da dissecação chegou a Roma. Começava-se a dissecar os cadáveres de animais, primeiro dos macacos, que eram os que mais se pareciam com o homem.”

Examinar desde o começo as semelhanças e diferenças entre o estado de boa saúde, os mais consideráveis segundo seus efeitos, os mais fáceis a reconhecer e aqueles que fornecem todos os meios de observação: **procurar aquilo que se pode ver, tocar, escutar; aquilo que podemos perceber ao observar, ao tocar, ao ouvir, ao cheirar e ao sentir o gosto, e ao aplicar sua inteligência;** enfim, aquilo que se pode conhecer pelos nossos meios de apreender.

Assim, podemos claramente perceber que a grande diferença entre o enfermo e o médico se dá unicamente no fato de que o paciente possui apenas uma percepção simples de seu mal, ao passo que o médico detém a percepção ancorada pela inteligência, notavelmente a percepção sensorial humana e o regime, isto é a audição – os sons, a visão – os elementos visíveis, o nariz – o odor, a língua – o agradável, bom ao gosto (em se tratando das urinas), boca – língua articulada (conversação), corpo – o toque, entrada e saída – respiração quente/fria (lembremo-nos da inexistência de termômetros). *Grosso modo*, o diagnóstico de todos esses elementos demanda o “conhecimento”.

Outros aspectos entravam igualmente em jogo nessa investigação do médico: disposições em torno do doente, questões que perpassam sua doença, aquilo que o próprio enfermo explica, e como receber essas explicações; quem olha o doente, os assistentes, o exterior (cf. Hipócrates, *Epidemias*, VI, 24).

II) Alguns cuidados médicos mais comuns

Quando a dieta alimentar não era suficiente para reestabelecer o equilíbrio corporal, o médico recorria a métodos mais enérgicos. Purgantes e eméticos eliminavam o excesso de humor por cima ou por baixo, a aplicação de ventosa permitia desviar as acumulações nocivas, do mesmo modo que a sangria eliminava o excesso de sangue. Para estes cuidados, o livro de medicina de Celso nos será de grande ajuda.

A aplicação de ventosas

Celso parece bastante metódico para a descrição desse procedimento. Ele dá elementos bem claros tanto sobre a utilidade da ventosa quanto sobre seu modo de aplicação.

Celso, *Sobre a Medicina*, 2, 11, 3: “A utilização de ventosas é indicada sobretudo quando a moléstia ocupa não exatamente todo o corpo, mas uma parte específica, da qual se faz suficiente retirá-lo para reestabelecer a saúde”.

Celso, *Sobre a Medicina*, 2, 11, 1: “Há ventosas de dois tipos: de bronze e de chifre. As primeiras são abertas de um lado e fechadas de outro; as segundas, igualmente abertas em uma extremidade, são perfuradas na outra com um pequeno furo. Nas primeiras, jogamos uma mecha acesa, e mantemos o sino em contato preciso com o corpo até que ela se fixe nele bem forte. Para as ventosas em chifre, basta aplicá-las sobre a pele; e através do furo da parte superior, suga-se o ar com a boca. Feito isso, fecha-se a abertura com um pouco de cera, e a ventosa se mantém igualmente firme... Depois da aplicação da ventosa, se são feitas escarificações com uma lanceta, extrai-se o sangue; se deixa-se a pele intacta, impele-se o ar”.

Celso, *Sobre a Medicina*, 5, 26, 21c: “E assim, para estancar uma hemorragia um pouco abundante numa região desprovida de nervos (i.e.: tendões) e de músculos, como na fronte ou no topo da cabeça, o mais simples é aplicar uma ventosa a uma parte mais distante, a fim de conduzir o sangue para lá.”

Fazer uma sangria (*sanguinem mittere* ou *sanguinem detrahere*)

Celso, *Sobre a Medicina*, 2, 10, 1: “Extrair o sangue através da abertura de uma veia não é algo novo; mas o que é novo é recorrer à sangria em quase todas as doenças. Empregar as emissões sanguíneas nos pacientes jovens e nas mulheres que não estejam grávidas, é também uma prática antiga; mas foi recentemente que testamos isso em crianças, idosos e mulheres em estado de gestação. (...) Assim, é menos importante se atentar para a idade ou a gestação que para o estado em que se encontram as forças do paciente.”

Celso, *Sobre a Medicina*, 2, 10, 12: “Quando quisermos limpar todo o corpo, é do braço que convém extrair o sangue; se quisermos remediar uma afecção local, faz-se necessário agir sobre a própria região afetada ou sobre a parte mais próxima, uma vez que essa operação não se faz em qualquer lugar, mas somente nas têmperas, braços e pés.”

Nariz, garganta e orelhas: restringir uma fratura, extrair um corpo estranho, arrancar um dente

O nariz

Celso, *Sobre a Medicina*, 8, 5, 1: Nas fraturas da cartilagem, é preciso recolocar delicadamente a porção deslocada, levantando-a com uma sonda (*specillum*), ou introduzindo dois dedos nas narinas. Feito isso, deixa-se

durante um tempo quer uma pena (*pinna*), enrolada em seu comprimento e revestida de uma pele fina e suave que se costurou em volta; quer um emaranhado de algodão seco, colocado da mesma maneira; ou ainda um grosso canudo de pena endurecido com goma ou cola, e recoberto da mesma película; são todos meios que evitam o decaimento da cartilagem.”

As orelhas

Celso, *Sobre a Medicina*, 6, 7, 9: “Não é raro que corpos estranhos, como uma pedra ou um inseto, entrem na orelha (...). Se se trata de um corpo inanimado, extraímos-lo por meio de uma paleta de orelha, ou ainda um gancho (*hamus*) ligeiramente recurvado. Os remédios esternutatórios provocam também a expulsão desses corpos, bem como as injeções de água com bastante pressão, com a ajuda de uma seringa auricular (*clyster*).”

A boca

Celso, *Sobre a Medicina*, 7, 12, 1: “Assim que o dente amolece, tenta-se segurá-lo com os dedos, ou, se não há como, com uma pinça; se ele está cariado, preenche-se o buraco que ele apresenta com algodão ou chumbo convenientemente preparado, para evitar que o dente se quebre sob a pressão dos instrumentos (...). Quando, ao arrancar o dente, a raiz permanece, faz-se necessário extraí-la por meio de um alicate, que os gregos chamam de *rhizagra*.”

Celso, *Sobre a Medicina*, 7, 12, 3: “O melhor procedimento consiste em pegar a úvula com uma pinça (*forceps*), acima da qual podemos retirar tudo o que parece supérfluo. Assim, não corre-se o risco de remover mais ou menos do que o que é necessário, tendo em vista que tem-se a facilidade de deixar exceder tão somente a porção reconhecidamente inútil e que assim simplesmente excisa-se aquilo que ultrapassa o tamanho natural da úvula.”

III) Os atos cirúrgicos mais comuns: extração de corpos estranhos do organismo e cirurgia ocular.

Dentre os médicos, o medo de falhar não podia ser um motivo para não tentar de novo. Com efeito, se acreditarmos nos relatos jurídicos de Plínio, o Velho, “nenhuma lei pune o homicídio por ignorância; não há exemplo de que ele tenha sido punido. Os médicos se instruem aos custos de nossos riscos e aflições, levam a cabo seus experimentos graças ao óbito, e é somente dentre os médicos que o homicídio tem a garantia da impunidade

completa”.¹⁰ Mas, dada a confiança que havia sido atribuída para a prática terapêutica, em especial a cirurgia de urgência, podemos imaginar que os estudos de anatomia, durante o período clássico e helenístico, devem ter sido feitos com precisão técnica. Enormes progressos na área cirúrgica devem ter sido atingidos, impulsionados pelos conhecimentos adquiridos nas novas ciências de observação¹¹. Nesses trabalhos práticos, faz-se necessário saber tomar os riscos, em matéria de cirurgia, nos informa o autor do tratado sobre *Os Lugares no Homem*: “É nas doenças mais perigosas [para o doente] que faz-se necessário correr riscos [no tratamento]; pois se obtivermos sucesso, lhe retornaremos a saúde, se fracassarmos, o resultado será aquilo que devia ser e como ele devia ser¹².” Podemos, assim, dizer que a cirurgia era a parte da medicina antiga que deixava menos espaço para a sorte. Como afirma Celso no livro VII:

[...] De todas as partes da medicina (ele distingue três: a dietética, a farmacêutica e a cirurgia), não há nenhuma outra cujo resultado seja mais evidente. Se, de fato, no caso das enfermidades, quando a fortuna está do nosso lado e as mesmas práticas se mostram muitas vezes salutares, e outras vezes ineficazes, podemos nos perguntar se a boa saúde é resultado do benefício da medicina, ou do corpo, ou da fortuna, também nas enfermidades cuja cura se apoia sobretudo nos medicamentos, ainda que o sucesso seja bem evidente, é claro, no entanto, que esperamos em vão por uma recuperação que se opera através de seu intermediário, e que a saúde retorna, por vezes, sem sua ajuda: este fato pode igualmente ser observado, por exemplo, no caso dos olhos que, depois de terem sido por muito tempo mal manejados pelos médicos, se recuperam por vezes sem sua ajuda. Mas, nessa área onde a cura se faz pela mão, torna-se evidente que

¹⁰ Plínio, o Velho, *História Natural*, XXIX, 18.

¹¹ M.D. Grmek, 1994, p. 57-59: “A cirurgia hipocrática, perfeitamente racional, é de um altíssimo nível técnico. A restrição das articulações luxadas e dos ossos fraturados foi codificada de maneira exemplar. Certas manobras médicas de Hipócrates são utilizadas ainda nos tempos modernos [...]. Os traumatismos cranianos são tratados via trepanação. As fraturas de ossos longos são cuidadas através da coaptação dos fragmentos, seguido da extensão do membro e de sua imobilização na posição natural através de gazes e talas. Hipócrates sabia que, numa fratura complicada, é importante agir o mais rápido possível após o incidente e de se ocupar mais dos ossos do que da ferida. Quanto aos machucados em geral, ele aconselha que os limpemos (sem umedecê-los a não ser com vinho), drenemos o pus, tiremos os detritos e, se eles são circulares, que os alonguemos através de incisões. Hipócrates pratica a drenagem de abscessos, a amputação de extremidades em caso de gangrena, e a ressecção de hemorroidas, fistulas anais, tumores externos e mesmo de neoformações internas (por exemplo a ablação e cauterização de pólipos no fundo da garganta). O tratamento de empiema por meio de paracentese torácica é descrito em todos os detalhes técnicos úteis.”

¹² Hipócrates, *Os Lugares no Homem*, c 24.

todo sucesso advém dela mesma, ainda que ela receba algum auxílio de outros métodos¹³.

Além disso, as operações mais importantes são muito arriscadas, por falta de um domínio suficiente da anestesia e da assepsia. Todavia, a *Coleção Hipocrática* atesta a atenção ao sofrimento do paciente durante as operações. É no tratado *Sobre o Médico* que se evoca a preocupação do cirurgião em atenuar a dor do paciente, sem fazer menção aos analgésicos:

Para as operações que são feitas através de incisão ou cauterização, a rapidez ou lentidão são igualmente recomendáveis, pois fazemos uso de ambas. Quando a operação demanda apenas uma incisão, devemos executar a abertura com rapidez; quando se percebe que os operados estão sofrendo, é preciso que a causa da dor esteja presente o mínimo de tempo possível; o que será alcançado se a incisão for rápida. Mas onde quer que seja necessário realizar diversas incisões, operamos com lentidão; com efeito, a rapidez faz com que a dor seja contínua e intensa, ao passo que dar alguns intervalos proporciona certo alívio para a dor dos que estão sendo operados¹⁴.

À luz de nosso estudo analítico dos tratados médicos, podemos perceber que a cirurgia antiga se resumia a procedimentos de certo modo correntes, tais quais a extração de flechas, excisão de tecidos orgânicos, desinfecção de feridas pela aplicação de sumos vegetais, cauterização, oftalmologia, laparotomia (incisão na cavidade abdominal); tratava-se, portanto, em grande medida de cirurgias ósseas (para fraturas), articulares (para luxação), superficiais (para machucados e ferimentos de guerra), e oculares (para os problemas de visão).

Assim sendo, nós nos limitaremos a apenas dois exemplos de métodos operatórios neste estudo:

¹³ Celso, VII, *Preâmbulo*, 1-2: [...] estque eius effectus inter omnes medicinae partes evidentissimus. Siquidem in morbis, cum multum fortuna conferat, eademque saepe salutaria, saepe vana sint, potest dubitari, secunda valetudo medicinae an corporis an fortunae beneficio contigerit, in iis quoque, in quibus medicamentis maxime nitimur, quamvis profectus evidentior est, tamen sanitatem et per haec frustra quaeri et sine his reddi saepe manifestum est: sicut in oculis quoque deprehendi potest, qui a medicis diu vexati sine his interdum sanescunt. At in ea parte, quae manu curat, evidens omnem profectum, ut aliquid ab aliis adiuvetur, hinc tamen plurimum trahere.

¹⁴ Hipócrates, *Sobre o Médico*, c 5: Ἐπὶ δὲ τῶν χειρουργῶν, ὅσαι διὰ τομῆς εἰσιν ἢ καύσιος, τὸ ταχέως ἢ βραδέως ὁμοίως ἐπαινέται· χρήσις γάρ ἐστιν ἀμφοτέρων αὐτῶν. Ἐν οἷς μὲν γάρ ἐστι διὰ μιῆς τομῆς ἢ χειρουργία, χρὴ ποιέεσθαι ταχεῖαν τὴν διαίρεσιν· ἐπεὶ γὰρ συμβαίνει τοὺς τεμνομένους πονέειν, τὸ λυπέον μὲν ὡς ἐλάχιστον χρόνον δεῖ παρεῖναι· τοῦτο δὲ ἔσται ταχείης τῆς τομῆς γενομένης. Ὅπου δὲ πολλὰς ἀναγκαῖον γενέσθαι τὰς τομὰς, βραδεῖη χρηστέον τῇ χειρουργίᾳ· τὸ μὲν γὰρ ταχὺ ξυνεχῆ ποιέει τὸν πόνον καὶ πούλυν· τὸ δὲ διαλυτὸν ἀνάπαυσιν ἔχει τινὰ τοῦ πόνου τοῖς θεραπευομένοις.

Extração de corpos estranhos (pontas de lança, flechas...) do organismo humano

A cirurgia se praticava sobretudo nos campos de batalha: aliás, é nesse contexto que Podalírio e Machaon¹⁵, os dois filhos do deus da medicina Asclépio, seriam os primeiros a serem consagrados, ao cuidarem de seus companheiros de armas feridos por ocasião da guerra de Troia. O autor hipocrático do tratado *Sobre o Médico*, insiste na importância e obrigação de frequentar as tropas armadas para se tornar um cirurgião: “Quem quer que deseje se tornar um bom cirurgião deve se alistar e seguir os exércitos que entrarão em confronto com os inimigos: é assim que se torna um expert nessa área do ofício [...] Pois reconhecer bem os sintomas próprios [aos ferimentos] causados por cada tipo de armamento em uso é a parte mais importante da arte, e em particular dessa área da cirurgia. Com esse arsenal de conhecimento, não se abandonará jamais, por falta de saber sobre um mal, um ferido que, de outra maneira, não teria sido tratado como se convém.”¹⁶

Um dos mais conhecidos exemplos de extração de flechas é este de um afresco de Pompeia, conservado no Museu Arqueológico de Nápoles (inv. 9009), que representa o médico Japix ajoelhado, extraindo minuciosamente, com a ajuda de uma pinça, um pedaço de flecha da coxa de Enéas, em pé e apoiado sobre Júlio em prantos; e Afrodite, que vem se informar acerca da situação de seu filho, trazendo uma haste de dictamno¹⁷

¹⁵ Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, IV, 71: “[Machaon e Podalírio] foram de grande ajuda aos gregos nessa guerra, tratando com muito sucesso aqueles dentre eles que estavam feridos. Eles também obtiveram uma grande reputação e a necessidade que se tinha de sua arte foi o motivo pelo qual eram poupados dos combates e de todas as outras funções militares.” Machaon foi morto por um certo Eurípilo, filho de Télefo. Suas cinzas ou seus ossos foram transportados por Nestor até a cidade de Gerênia, na Messênia. Nesse lugar, os enfermos vinham buscar alívio.”

¹⁶ Hipócrates, *Sobre o Médico*, XIV: Τὸν μὲν οὖν μέλλοντα χειρουργεῖν στρατεύεσθαι δεῖ καὶ παρηκολουθηκέναι στρατεύμασι ξενικοῖς· οὕτω γὰρ ἂν εἴη γεγυμνασμένος πρὸς ταύτην τὴν χρεῖαν [...] Τῶν γὰρ ὄπλων ἐνότων καὶ σημεῖα πεπορίσθαι τέχνης ἐστὶ πλεῖστον μέρος καὶ τῆς πρὸς ταῦτα χειρουργίης· τούτου γὰρ ὑπάρξαντος, οὐκ ἂν παραλίποιο τραυματίας ἀγνοηθεῖς ὅταν χειρουργῆται μὴ προσηκόντως· μόνος δ' ἂν ὁ τῶν σημείων ἔμπειρος εἰκότως ἐπιχειροίη.

¹⁷ Uma espécie de planta aromática da família do orégano. Este é outro procedimento que, a exemplo da cirurgia de catarata mencionada pelo prof. Diouf anteriormente, teria sido descoberto por acaso, cf. Cícero, *Sobre a Natureza dos Deuses*, II, 126 (trad. Bruno F. Bassetto): “Ouviu-se dizer (...) que as cabras selvagens de Creta, ao serem atingidas por flechas envenenadas, procuram uma erva que se chamaria dictamno, e ingeridas por ela, dizem que as flechas são expelidas do corpo.” [N.T.]

em infusão na água com suco de ambrosia e panaceia, que Japix aplicará, sem sabe-lo, sobre o ferimento que logo cicatrizará¹⁸.



Figura 2: Afresco de Pompeia, Museu Arqueológico de Nápoles (inv. 9009).

Sobre este procedimento cirúrgico, é ainda Celso que nos fornece informações particularmente esclarecedoras:

Depois de ter traçado um caminho, é preciso segurar as carnes separadas com a ajuda de um instrumento que tem a forma da letra grega V; depois, assim que se observa a ponta da flecha, examina-se se a madeira ainda está presa a ela, então empurramo-la diante de si até que se possa pegá-la pela contra abertura e extraí-la. Mas se a madeira se soltou e somente o ferro permaneceu no ferimento, é preciso segurá-lo pela ponta com os dedos ou uma pinça, e trazê-lo, assim, para fora. Dever-se-á proceder da mesma maneira, se parece preferível operar a extração pela abertura de entrada. Assim, estando o ferimento alargado, extrairemos a madeira, se estiver presente, ou o próprio ferro. Quanto às pontas, se elas são curtas e estreitas, quebrá-las-emos no local com a pinça, e extrairemos a flecha desprovida desses empecilhos; mas se elas são muito longas e fortes para serem quebradas, nós evitaremos de lacerar as carnes cobrindo as pontas com uma haste de escrever cingida em dois, e dessa maneira, controlá-las. Essas são as observações relativas à extração de flechas¹⁹.

¹⁸ Virgílio, *Eneida*, XII, v. 387-423.

¹⁹ Celso, *Sobre a Medicina*, VII, 5, 2 (trad. Nisard).

Cirurgia ocular

O tratamento cirúrgico ocular (incisão no olho afetado e aplicação de um remédio ao nível ocular) pode se referir de maneira ilustrada a essa estátua funerária da época tardia que representava um médico oculista cuidando dos olhos de um paciente com a ajuda de um instrumento (monumento conservado no Museu Barrois, Bar-le-Duc, em Montiers-Sur-Saulx em Meuse). A posição do paciente, que é o mais importante nas operações oculares, é bem raramente mencionada nos escritos médicos; este relevo funerário nos apresenta um paciente em pé. Isso nos informa que a posição depende em grande parte da gravidade da doença e dos meios a serem empregados para efetuar uma intervenção cirúrgica. Dentre as operações mais comuns, podemos citar a cirurgia de catarata pelo desbastamento do cristalino opaco:

A operação se faz no olho esquerdo com a mão direita, e no olho direito com a mão esquerda. No momento de agir, o cirurgião pega uma agulha (*acus*) afiada, mas que apresenta certo calibre, e perfura em linha reta atravessando as duas primeiras camadas, entre o ângulo externo e a pupila, e ao nível do meio da catarata, de modo a não danificar nenhum vaso; ele pode, de resto, perfurar com confiança, pois a agulha penetra num espaço vazio. Assim que ela chega no local (e a ausência de resistência não dá espaço para enganos), o cirurgião a inclina em direção à catarata, e, por meio de um movimento suave de rotação, empurra cuidadosamente o cristalino para baixo da pupila.²⁰

²⁰ Celso, *Sobre a Medicina*, VII, 7, 14.



Figura 3: F. Olmer, 2009, p. 169, fig. 16.

Uma outra operação que merece atenção particular é a do pterígio²¹:

A unha (*unguis*) ou *ptérygion* para os gregos é uma membrana nervosa que, do ângulo do olho, se estende por vezes até a córnea de modo a constituir um obstáculo à visão (...). Quando o mal é recente, pode-se curá-lo facilmente com a ajuda de medicamentos dos quais nos servimos para diminuir as cicatrizes do olho; caso contrário, é necessário extraí-lo quando ele se torna incorrigível, e caracterizado já por certa espessura. Em consequência disso, depois do paciente ter se preparado por um dia de dieta, nós o fazemos se sentar na frente do cirurgião (...). O cirurgião pega então um gancho afiado (*hamulus acutus*), cuja ponta um pouco recurvada é direcionada para a parte de cima do pterígio, onde ela deve ser inserida; feito isso, ele deixa a cargo da assistência a tarefa de afastar as pálpebras, e, levantando a membrana com o gancho (*hamulus*), ele a atravessa ao meio com uma agulha (*acus*) que leva um fio: descartada a agulha, o cirurgião deve segurar as duas extremidades do fio para puxar a unha (*unguis*); e ao mesmo tempo, se ele encontra aderências, é preciso desbastá-las com a alça do bisturi até a superfície do olho.²²

²¹ O pterígio é um crescimento anormal da membrana mucosa que cobre a parte branca do olho. Trata-se de um tumor benigno que aparece em pessoas que passam muito tempo ao sol, como os que trabalham ao ar livre. [N.T]

²² Celso, *Sobre a Medicina*, VII, 7, 4

Conclusão

O presente estudo nos permitiu compreender os primeiros passos do raciocínio médico antigo, mas sobretudo do espírito humano ao querer remediar, seja pelos meios naturais, seja pelos meios científicos, certas doenças humanas. Passando o estágio de observação, o médico grego e romano soube concretizar seu pensamento médico através do desenvolvimento de métodos curativos e operatórios que, depois de dois milênios, continuam a serem praticados, sob uma forma mais moderna. Também diríamos que tanto nas artes (*techné*) como na natureza, reina o princípio da continuidade, e que “nada se perde, nada se cria”. O médico hipocrático, que se dizia racional, por meio de práticas complexas que compreendiam desde a preparação de medicamentos, unguentos e outros (em busca da dosagem ideal), até a intervenção cirúrgica básica, concebia não somente que se fizesse conhecer os mecanismos de bloqueio da evolução das doenças humanas, mas igualmente mostrar aos pacientes e à sociedade sua arte de curar sem recorrer às divindades, recorrendo a métodos puramente empíricos.

Referências bibliográficas

Primária

Celse, *De medicina*, traduit en français par M. Nisard, Paris, J. J. Dubochet, Le Chevalier et comp. Editeurs, 1846.

Diodore de Sicile, *Bibliothèque*, IV, texte établi et traduit par Paul Goukowski., Paris, Les Belles Lettres, 2014.

Galien, *Le médecin. Introduction*, texte établi et traduit par Caroline Petit, Paris, Les Belles Lettres, 2009.

Galien, *Pratiques anatomiques*, C. G. Kühn, 1821-1833, réimp. Hildelsheim, 1964/5

Hippocrate, *Airs, eaux, lieux*, texte établi et traduit par J. Jouanna, Paris, Les Belles Lettres, 1996.

Hippocrate, *Épidémies V et VII*, texte établi et traduit par J. Jouanna, annoté par J. Jouanna et M.D. Grmek. Paris, Les Belles Lettres, 2000.

Hippocrate, *Oeuvres complètes V : Épidémies 4*, 43, trad. É. Littré, Paris, 1846

Gargilius Martialis, *Les légumes tirés des légumes et fruits*, textes établi et traduit par B. Maire, Paris, Les Belles Lettres, 2002.

Pline l' Ancien, *Histoire Naturelle*, texte établi et traduit par A. Ernout, Paris, Les Belles Lettres, 2003.

Virgile, *Énéide*, VII, texte établi par René Durand Et traduit par André Bellessort, Paris, Les Belles Lettres, 1993.

Secundária

ANDRE, J., *Être médecin à Rome*, Paris, Payot et Rivages, 1995.

Au temps d'Hippocrate : médecine et société en Grèce antique, coordination et édition scientifique Annie Verbank-Piérard, Mariemont, Musée Royal de Mariemont, 1998.

GOUREVITCH, D, *Pour une archéologie de la médecine romaine*, Paris, Boccard, Collection Pathologique 8, 2011.

GRMEK, M. D., « La pratique médicale », dans *Hippocrate de Cos. De l'art médical*, sous la direction de D. Gourevitch, M.D. Grmek, P. Pellegrin, Paris, Le Livre de Poche, 1994, p. 40-59.

GRMEK, M. D. et GOUREVITCH, D., *Les maladies dans l'art antique*, Paris, Fayard, 1998.

OLMER, F., « La médecine dans l' Antiquité : professionnels et pratiques », dans *Société et Représentations*, Paris, Publication de la Sorbonne n° 28, 2009, pp. 153-172